



SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO EM MOVIMENTO

Resenhado por: TURNES, Luiza
luh_turnes@hotmail.com

SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio
<https://orcid.org/0000-0002-3062-4952>

BARCELLA, Julia Larissa Borges
juliabarcella@hotmail.com

PPGE/UFSC - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal
de Santa Catarina
<https://orcid.org/0000-0002-9614-568X>

NOVICKI, Lurdete Castelan
lurdete.novicki@gmail.com

SED/PMF - Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de
Florianópolis
<https://orcid.org/0000-0003-0824-5734>

ROCHA, Julia S. da; SANTOS, Tiago R. dos; VALLE, Ione R.; SOUZA, Silvana R.
Sociologia da educação em movimento. 1. ed., Florianópolis, SC: Insular, 2022.

A obra *Sociologia da educação em movimento*, organizada por Julia S. da Rocha, Tiago R. dos Santos, Ione R. Valle e Silvana R. de Souza, chama a atenção por sua proposta singular de reunir, por meio de oito questões respondidas por quatro diferentes e renomados sociólogos franceses - François Dubet, David Le Breton, Martine Plard-Derivry e Éric Plaisance -, depoimentos que versam sobre a sociologia, em especial a sociologia da educação, e o papel do sociólogo na contemporaneidade.

Tais questões contemplam os seguintes temas gerais: a relação da sociologia com outras disciplinas, principalmente com a história; a relevância da sociologia para pensar novas formas de se relacionar com o mundo e com outrem; a complexidade da internacionalização de uma ciência e filosofia social; a especialização como meio para se firmar ou definir a sociologia enquanto ciência; as mudanças na comunicação que colocam em xeque a escola e a universidade; os entretamentos possíveis para uma prática docente que não opere pela dominação, reprodução e o entrecruzamento das desigualdades sociais e escolares; as múltiplas figuras da violência, bem como, as discriminações, minorias, laicidade e nacionalismos que

evidenciam as singularidades em um contexto social em risco. Esses são alguns dos assuntos colocados em discussão. A obra ainda conta com um inventário autobiográfico de Gabriel Langouët, professor emérito da Universidade René Descartes - Sorbonne (Paris V) e, em seu último capítulo, somos brindados com uma entrevista inédita com Jean-Claude Passeron, realizada por Tiago R. dos Santos, um dos organizadores.

O primeiro sociólogo a responder às questões é François Dubet. Professor emérito de Sociologia da Universidade de Bordeaux II e diretor de estudos da École de Hautes Études em Sciences Sociales (EHESS), Dubet relembra o papel da sociologia ao elucidar a maneira como é produzida a vida social. Ao contrário dos determinismos pregados mediante um relativismo cultural e social absoluto - presente nas teorias mais radicais -, o entendimento do pressuposto defendido por ele, de que tudo é social, caminha pela via da dupla dialética da vida social, compreendendo a sociedade como construto da ação humana e o homem como produto da sociedade.

Uma vez que tudo é social, a história e a cultura de cada lugar produzem as diferenciações e os pertencimentos nacionalistas nos quais a sociologia – e os sociólogos – também estão embebidos. Os esforços em alcançar o *status* de ciência pressupõem resultados incontestáveis, independentemente dos contextos nos quais se faz uso da sociologia. Para esse cenário de internacionalização, pondera Dubet, pode-se considerar os métodos e as técnicas sociológicas possíveis. Nesse sentido, ele relaciona o crescimento da sociologia enquanto disciplina, mas também a sua fragmentação, chamando os sociólogos para a retomada da influência social a partir de estudos que saiam dos laboratórios de pesquisas e estejam comprometidos com demandas que façam sentido à explicação global.

Quando as questões são direcionadas à educação, e as instituições escolares e universitárias entram em foco, Dubet elabora uma reflexão acerca da gênese da escola pública do final do século XIX e início do século XX. A crise de legitimidade dos professores é um dos pontos tratados ao pensar em uma escola – e universidade – que hoje opera mais por sua utilidade performativa do que emancipatória. Nessa lógica, denunciar as desigualdades sociais como determinantes para as desigualdades escolares continua sendo uma das tarefas dos sociólogos, e Dubet relembra alguns caminhos para essa realização. Em uma sociedade cujas diferenças

estão mais evidentes e múltiplas, para a realização de análises sociais, faz-se necessário considerar recortes e identidades que permitam caracterizar o contexto estudado. Entretanto, Dubet questiona o que é comum a todos, para além dos conflitos e diferenças, que nos tornam sociedade e chama os sociólogos para participarem dessa exigência, que ficou secundarizada ao longo do tempo.

Compondo também a primeira parte do livro, David Le Breton, professor de Sociologia e Antropologia pela Universidade de Estrasburgo, analisa a sociologia enquanto uma ciência plural, que procura explicar o sentido das ações e dos movimentos que tecem o social. Pontuando a relação de forças teóricas dentro da sociologia, Le Breton sinaliza o desafio que seria desenvolver uma teoria sociológica geral, visto que os próprios sociólogos, ainda que orientados pelos métodos rigorosos dessa ciência, não fogem às mudanças do tempo. O desmembramento da sociologia pode servir como exemplo, pois escancara a realidade de que cada homem constrói seus sentidos e os projeta sobre o mundo. A antropologia realiza um comparativo entre as pluralidades sociais e culturais, lembrando as condições da existência comum e aquelas impostas, nesse sentido, a sociologia, segundo a visão de Le Breton, se aproxima desse caminho. Algumas teorias sociológicas não creditam ao homem a reflexividade, já outras concordam que as pré-noções, ou o senso comum, são formas de os atores se aproximarem de uma competência do vivido. Assim, entende que cabe aos sociólogos o aprofundamento dessas noções.

Le Breton ainda traz à discussão o uso das telas e da web pelas crianças, quando as questões são direcionadas a uma possível perda de lugar das instituições clássicas na socialização das novas gerações. O enfraquecimento nas socializações leva crianças a passarem horas em frente às telas, acarretando o fortalecimento da superficialidade, por acreditarem estar em todos os lugares, embora, de fato, não estejam em lugar algum. Tal cenário promove a vulnerabilidade da fácil manipulação desses indivíduos em formação, o que torna a tarefa dos professores – de serem guias de apropriação dessas ferramentas – fundamental.

A entrevista com Martine Plard-Derivry, professora na Universidade de Bordeaux, apresenta elementos interessantes acerca das questões construídas pelos organizadores da obra. Em um primeiro momento, a pesquisadora discorre sobre a importância das disciplinas de história e sociologia estarem relacionadas, para que,

desse modo, se possa analisar o mundo social a partir da ótica espaço-temporal e para que as práticas sociais não sejam pesquisadas de forma sedimentada. Depois, faz uma análise sobre o processo de internacionalização dos saberes, pontuando a sociologia francesa como referência para a compreensão de realidades sociais diversas, bem como, para a produção de noções e conceitos sociológicos. Plard-Devivry continua afirmando que, mesmo com a tendência da especialização, mediante as mudanças profundas nas formas de comunicação – que colocam à prova a função social da escola e da universidade –, em geral, essas instituições seguem sendo legítimas no que se refere à validação de conhecimentos socialmente produzidos. Nesse sentido, a democratização da educação precisa ser defendida, principalmente, em contextos sociais nos quais se coloca em dúvida a importância dessas instituições para o desenvolvimento social.

A pesquisadora enfatiza que, sendo a sociologia um esporte de combate, é imprescindível que os pesquisadores fundamentem seus estudos e tenham autonomia no desenvolvimento de suas pesquisas. Além disso, aborda sobre a mercantilização internacional da pesquisa e como esse processo pode interferir na autonomia do pesquisador, propondo a inclusão da sociologia como disciplina obrigatória desde a escola primária, o que poderia oportunizar um diálogo mais próximo entre sociólogos e sociedade civil.

Diferentemente dos pesquisadores Dubet, Le Breton e Plard-Derivry, que começaram respondendo diretamente as questões colocadas pelos organizadores da obra, Éric Plaisance, professor emérito da Universidade René Descartes – Sorbonne (Paris V), fez algumas observações preliminares que têm como foco o papel social do pesquisador e, em especial, do sociólogo. Longe de ser um debate atual, Plaisance retoma alguns grandes autores para aprofundar a sua análise e reforçar que essas questões continuam em cena e outras vão aparecendo ao longo da história da sociologia, nesse caso, especificamente da francesa.

Em resposta à primeira pergunta, que trata do diálogo da sociologia com a história, com outras ciências humanas e com os indivíduos, Plaisance compreende que o questionamento é vasto e requer ser respondido a partir de duas abordagens: “[...] o diálogo da sociologia com a história é essencial, mas nem sempre coincidem exatamente com o trabalho do historiador, que está fundamentalmente ligado ao uso

sistemático dos arquivos” (Rocha *et al.*, 2022, p. 71), já em uma segunda abordagem, podemos considerar o “[...] domínio de investigação da sociologia que trata do social em oposição ao individual” (Rocha *et al.*, 2022, p. 75). O sociólogo destaca, em resposta à segunda questão - que se refere à importância da sociologia francesa para compreender universos sociais diversos -, como essencial a circulação internacional de noções desenvolvidas em obras sociológicas consideradas clássicas. Entretanto, aponta, assim como a pesquisadora Plard-Derivry, a importância da vigilância crítica acerca da questão midiática de divulgação de trabalhos em ciências humanas e sociais, visto que alguns tendem a “[...] oferecer respostas rápidas e prontas às dificuldades escolares” (Rocha *et al.*, 2022, p. 80), beneficiando mais a área da psicologia do que da sociologia.

Em um mundo social em constantes transformações, o sociólogo reitera a importância das instituições e afirma a necessidade absoluta de que as atividades de pesquisa continuem sendo desenvolvidas nas universidades a fim de se manter a discussão a respeito da democratização do ensino, da justiça social, das desigualdades sociais e escolares e das múltiplas violências presentes nas instituições de ensino. Para finalizar, Plaisance retoma o debate sobre o papel do intelectual, situando que esse profissional pode estar inserido em diferentes áreas, participando, assim, do espaço público, no sentido de aproximar a produção científica das discussões da sociedade civil.

Na segunda parte da obra, findadas as respostas às questões, os organizadores apresentam o inventário de Gabriel Langouët, que nos faz enxergar o sociólogo por outra ótica – aquela da construção –, trazendo passagens desde a sua tenra infância até a formação acadêmica e aspirações atuais. Dentre as partes que compõem o seu depoimento, algumas chamam a atenção em razão das mudanças de “rota”, dentre elas: “Entrei na escola primária do meu pequeno burgo bretão um pouco antes da Segunda Guerra Mundial, com três anos e meio. Numa escola privada católica, contrariando o desejo expressamente formulado por meu pai, que falecera quando eu tinha dois anos” (Rocha *et al.*, 2022, p. 99). Após a construção do relato acerca de como foi se constituindo e os seus centros de interesse enquanto pesquisador em ciências sociais e educação, Langouët lista as obras que fizeram parte da sua vida em determinados períodos e afirma que, com muitos dos autores

das obras, tem uma relação profissional próxima, o que permite ao leitor compreender como essa trajetória de vida, pessoal e profissional, foi costurada.

Na última parte do livro, os organizadores da obra apresentam uma entrevista com o sociólogo Jean-Claude Passeron, concedida ao pesquisador Tiago Ribeiro Santos, em Nice, na residência do entrevistado. Inicialmente, Passeron relembra seu retorno da Guerra da Argélia (1954 - 1962) e sua transição da filosofia para a sociologia. Outro importante ponto elencado na entrevista trata sobre as pesquisas relacionadas ao mérito, exploradas nas obras *Os Herdeiros* (1964) e *A Reprodução* (1970), escritas em coautoria com Pierre Bourdieu (1930 - 2002). Passeron assevera que a preparação dos alunos para o *bac*¹ favorecia uns em detrimento de outros e essa visão teve apoio na obra *La barrière et le niveau* (1939), do filósofo Edmond Goblot (1858 - 1935), na qual seu autor defendeu a ideia de que o culto ao bacharelado acabava funcionando como um dispositivo estratégico de manutenção da barreira entre as classes sociais. O sociólogo fala sobre a desvalorização dos títulos e diplomas, a partir de 1930, na França, sustentando a diferença de rendimento profissional segundo a origem social, fenômeno demonstrado na sua *Enquete sociológica* de 1960.

Nesses trabalhos, Bourdieu e Passeron, inspirados na teoria da legitimidade de Max Weber (1864 - 1920), destacaram o valor dos capitais, dentre eles, o capital cultural. A parceria aconteceu durante treze anos, nos quais os dois sociólogos compartilharam ideias, pesquisas e publicações. Passeron relata que tinha em comum com Bourdieu o conceito sobre estruturalismo emprestado de Weber, e que seu rompimento com o sociólogo teve raiz na *Gestalt Theory*². Tal impasse o leva a um conflito com as ideias e linguagens bourdieusianas, principalmente relacionadas às noções conceituais sobre *habitus* e campo. Quando isso também ocorre em relação a outros termos, como *ethos*, Passeron declara que Bourdieu começa a cansá-lo epistemologicamente e decide acabar o diálogo com o mesmo. Passeron sublinha que a sociologia não é uma ciência homológica independente das coordenadas espaço-

¹ Baccalauréat (bac) equivale aos exames nacionais realizados no final dos estudos do liceu (ou do ensino médio) visando conferir o grau de bacharel. (N.T)

² A psicologia ou teoria da Gestalt foi fundada por Max Wertheimer (1880-1943), Kurt Koffka (1886-1941) e Wolfgang Köhler (1887-1967).

tempo, ressaltando que todas as demais ciências sociais somente são sociais porque são históricas.

As últimas páginas da obra apresentam dados "Sobre as organizadoras, o organizador, a socióloga e os sociólogos participantes", além de um anexo com as "Questões em Francês" que compõem a primeira parte do livro.

As respostas dos sociólogos franceses às oito questões, o inventário de Langouët e a entrevista com Passeron, certamente, contribuem para as reflexões de muitos pesquisadores da área das humanidades vigente. Nesse contexto, essa obra pode ser considerada um livro de cabeceira que nos presenteia com análises breves, mas profundas, de intelectuais que olham sociologicamente para o mundo social e tecem críticas contundentes acerca das temáticas que permeiam os questionamentos realizados pelos organizadores da obra.

LUIZA TURNES

Analista Pedagógica do Senac/SC. Doutora e Mestra em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina e licenciada em Pedagogia pela mesma Universidade. Integrante do Laboratório de Pesquisas Sociológicas Pierre Bourdieu - LAPSB/CNPq e do Grupo de Pesquisa Trabalho e Conhecimento na Educação Superior - Traces/CNPq.

JULIA LARISSA BORGES BARCELLA

Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina, especialista em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica e licenciada em Pedagogia. Integra o Laboratório de Pesquisas Sociológicas Pierre Bourdieu - LAPSB/CNPq e o Grupo de Pesquisa Ensino e Formação de Educadores em Santa Catarina - GPEFESC/CNPq.

LURDETE CASTELAN NOVICKI

Professora de Educação Infantil na Rede Municipal de Florianópolis/SC. Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina, mestra em Educação e licenciada em Pedagogia pela mesma Universidade. Integrante do Laboratório de Pesquisas Sociológicas Pierre Bourdieu - LAPSB/CNPq e do Grupo de Pesquisa Ensino e Formação de Educadores em Santa Catarina - GPEFESC/CNPq.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *Os herdeiros: os estudantes e a cultura*. Tradução de Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. Florianópolis: UFSC, 2014.

GOBLOT, Edmond. *La barrière et le niveau: étude sociologique sur la bourgeoisie française moderne*. New York: MacGraw-Hill Gooks, 1939.

Recebido em: 09 de março de 2023
Aceito em: 20 de setembro de 2023